Ano XI — Lisboa, Abril de 1955 — N.º 120

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

O «DIA DO ESCOTEIRO»

Como se combate o Dragão do Mal



Com o mês de Abril, passa, mais uma vez, o «Dia do Escoteiro», data, para nós, cheia de tradições e significado. Novamente temos ensejo de reflectir, uns com os outros, nas nobres virtudes que o Escotismo nos aponta, tão bem vincadas quer na lenda de S. Jorge, quer na vida abnegada do cavaleiro mártir do 3.º Século.

A meditação sobre as duas histórias é, a todos os títulos, proveitosa. É que, embora bem diversas entre si, a lenda e a história de S. Jorge têm, todavia, os seus pontos de contacto. Tanto numa como noutra, o protagonista é levado a uma luta sem tréguas contra o mal, ali representado pelo horrível dragão, aqui tomando forma nos instintos sanguinários e na intolerância de um imperador romano. Na princesa da Virtude vemos prefigurados os ideais cristãos que tão denodada e corajosamente S. Jorge defendeu. Conclui-se, pois, que a lenda é como que uma imagem simbólica da vida do verdadeiro S. Jorge. E pode-se acrescentar, até, que é também a imagem da vida do rapaz que, certo dia, assume o compromisso de honra escoteiro, fazendo a declaração firme de que quer, por sua parte, tomar lugar na luta contra o temeroso dragão.

Sendo, portanto, os escoteiros coadjutores de S. Jorge nessa luta sem quartel contra o mal, eles devem conhecer as armas a empunhar para vencer o temeroso inimigo, saber onde ele está e quem ele é. Então onde está o Dragão do Mal? A resposta é simples: a ameaçadora fera encontra-se em toda a parte e está corporizada em todos os males, em toda a injustiça e em todos os sofrimentos que afligem a pobre Humanidade.

Como vemos, o perigoso dragão actua de diversas maneiras, e, como tal, também tem de ser combatido por processos diferentes. O escotismo cria nos seus rapazes as aptidões necessárias para levar a bom termo a sua tarefa. Há duas armas poderosíssimas que o escoteiro tem à sua disposição. Falemos, por agora, da primeira: o IDEAL.

O escoteiro tem de ser, por força, um idealista. O escotismo, na sua essência, é um ideal, porque aponta um alvo a atingir, num esforço de aperfeiçoamento constante. Nada mais grato ao dragão do mal que os corações endurecidos pelos conceitos materialistas. Aí encontra ele terreno propício às suas lucubrações e manobras traiçoeiras. Portanto, é mister destruir os meios onde ele possa proliferar.

O idealismo é uma das manifestações características do homem. Nenhum outro animal está provido deste sentimento. O idealismo é, ou pelo menos devia ser, um forte motivo de orgulho. Ter um ideal, aspirar algo de superior, é de facto um privilégio que eleva e prestigia o género humano. O ideal é a mola real das maiores realizações. Não fosse este sentimento e muitas das mais nobres conquistas do homem, em todos os campos do seu conhecimento, não se teriam registado. Foi o ideal que levou o Infante D. Henrique a promover a maravilhosa aventura dos descobrimentos. Jovem príncipe, ele bem poderia deixar-se deleitar pela comodidade e atractivos da vida no Paço, em vez de se entregar ao estudo de tão custoso empreendimento. Foi o ideal que levou o Dr. Alberto Shweitzer a abandonar a vida próspera na sua pátria e ir em demanda do Continente Africano, trabalhar abnegadamente entre perigosas tribos de antropófagos. Foi ainda o ideal que ditou ao general

(Conclui na 2.ª página)

O centenário de Júlio Verne

Passou no dia 24 de Março o cinquentenário da morte de Júlio Verne, o maravilhoso escritor francês, que todos os nossos escoteiros conhecem. A França, que se orgulha desse extraordinário escritor, pioneiro da ficção científica, que escreveu novelas que têm sido lidas com verdadeiro enlevo pela mocidade de todo o mundo e continuam a conquistar o interesse da gente nova, comemorou este aniversário com todo o sentimento. As principais comemorações vão, no entanto, ser realizadas em Maio, ocasião em que escritores e cientistas de 82 países, tantos quantas as línguas para que foram traduzidas as obras de Júlio Verne, se reunirão em Paris para tomar parte no «Congresso Verne». Estas comemorações serão inauguradas com a exibição do filme de Walt Disney «Vinte mil léguas submarinas». Um submarino da Armada Francesa estará ancorado no rio Sena, mesmo no centro da capital francesa.

Os correios franceses vão emitir um selo com o rosto de Júlio Verne e o Museu Colonial Francês inaugurará uma exposição «Verniana», na qual serão apresentadas as primeiras edições dos seus livros, modelos das máquinas por ele descritas e mapas das viagens imaginárias que descreveu nas suas novelas.

Será assim devidamente recordada a obra do grande escritor que tendo feito 13 previsões sobre o futuro, na altura verdadeiramente fantásticas, acertou em 10. Verne previu o aeroplano, o submarino, o helicóptero, a artilharia de grande alcance, filmes falados, plásticos, televisão, controle a distância, a bomba atómica e uma viagem à volta do Mundo em 80 dias.

Das três previsões que faltam realizar, duas estão a ser activamente estudadas: Viagens interplanetárias e satélites artificiais da Terra. Falta apenas a viagem ao centro da Terra, coisa em que ninguém ainda pensou, segundo parece.

O submarino atómico com que os americanos têm feito as suas experiências denomina-se «Nautilus», nome do barco que Júlio Verne imaginou nas «Vinte mil léguas submarinas».

O 43.º aniversário do Grupo n.º 1 - Lisboa

Este grupo está comemorando o seu aniversário com diversas actividades desportivas e festivas. No sábado, dia 9, oferece um chá às famílias dos escoteiros e antigos-escoteiros. No dia 17, Domingo, realiza-se um almoço de confraternização dos antigos-escoteiros, para o qual se aceitam ainda inscrições na sede daquele grupo e pelos telefones 2 3748 e 66 6179.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Como se combate o Dragão do Mal

(Conclusão da 1.ª página)

Baden-Powell a resolução de organizar um movimento que pudesse oferecer à mocidade o ensejo de se tornar mais útil e de se aperfeiçoar. Conclui-se daqui que o ideal está para os empreendimentos humanos assim como a fé para as religiões. São eles a alma de todas as manifestações que mais dignificam o homem e o aproximam do Criador.

Mas notai: não é cómodo, nos dias de hoje, sentir uma aspiração superior, porque estamos num mundo que perdeu o amor aos ideais e os considera loucura. O idealista é hoje olhado com escárnio e apontado como insensato porque o mundo é inclemente para aqueles que pretendem fugir aos seus padrões comuns.

Todavia, o escoteiro tem de manter a sua personalidade. À semelhança de S. Jorge que, num mundo que odiava o cristianismo, permaneceu fiel aos seus princípios religiosos porque estava certo do valor das suas convicções, o escoteiro, porque sabe que nos grandes ideais está o fulcro das mais nobres realizações do Homem, vai tornar-se como que o sal de um mundo materializado, de um mundo diminuído nas suas faculdades superiores.

A outra arma poderosa para aniquilar o dragão do mal é a AMIZADE. E esta arma não só é aconselhável como é indispensável para levar a bom fim a tarefa a que nos dispusemos.

A carência de amizade tem trazido as mais trágicas consequências para o homem, e nela se pode encontrar a origem de todas as crises nas suas relações. A ignorância do homem pelo próprio homem é a primeira manifestação de falta de amizade e o ponto de partida para todas as injustiças e desequilíbrios sociais, porque não nos podemos interessar por aquilo que desconhecemos. O dragão do mal encontra na indiferença um factor importantíssimo para levar a cabo as suas investidas.

Cultivar a amizade é optar por um trunfo precioso. Quando o homem se sente irmão do seu semelhante, quando ele descobre que caracteres comuns os identificam, encontrou o caminho para a resolução dos seus intrincados problemas. O amor é a alavanca poderosa que desvia as barreiras geradoras das facções e das classes.

Conta-se que o apóstolo S. João, nos últimos anos da sua vida, quando, pela sua avançada idade, já não podia pregar, ao subir ao templo contentava-se em exortar o povo, repetindo: «Filhinhos, amai-vos uns aos outros». Na sua simplicidade, S. João pregava um dos seus mais belos sermões, repetindo o conselho que havia recebido do seu e nosso Mestre, Nosso Senhor Jesus Cristo, que nos amou até à morte e quer que nos amemos como Ele próprio nos amou.

Amar é o primeiro mandamento da Lei Divina e, pode dizer-se, o seu único mandamento, porque são profundas e completas as suas consequências. S. Paulo tem a respeito deste sentimento a mais bela e perfeita definição que temos conhecido. O amor é o mais elevado de todos os sentimentos porque vem directamente de Deus.

No escotismo encontramos um campo apropriado a desenvolvermos as nossas amizades. Aqueles que passaram pelas suas fileiras conhecem quão real é o seu poder neste aspecto. A começar na vida dessas pequenas células que são as patrulhas, até a outras manifestações de maior envergadura, o escotismo cria sempre uma atmosfera propícia ao fomento de amizades.

O 4.º artigo da Lei proclama que todos os escoteiros são irmãos. Este processo de levar um rapaz a sentir-se irmão de um outro é uma fórmula simples e prática de pôr em acção uma coisa transcendentíssima: a fraternidade humana.

Tudo no escotismo tende a favorecer o espírito de amizade: a vida nas patrulhas e no grupo, o respeito pelo semelhante, a generosidade, a abnegação, o auxílio ao próximo e a alegria de viver. Quem já pôde assistir a uma dessas grandes manifestações de amizade internacional que são os «Jamborees», concentrações de escoteiros de todo o mundo, reconhecerá que um passo muito grande para a compreensão entre os homens de todas as nações se está dando por intermédio daquelas actividades.

O ideal e a amizade são, portanto, duas grandes armas de combate ao maléfico dragão. Decerto que os escoteiros não são em número tão elevado que a sua atitude provoque grande repercussão na sociedade em que vivem. Mas, olhai, uma luz, sendo bem pequena, pode irradiar claridade para uma casa toda. À semelhança de S. Jorge, devem os escoteiros manter-se firmes nos postos que tomaram, certos de que, alfim, a sua luz iluminará toda a terra, construindo, assim, uma nova era em que a paz e a boa vontade hão-de unir todos os homens num forte espírito de colaboração e compreensão.

JOEL RIBEIRO



A voz do Chefe

CONTINÊNCIA

O fumar o beber são coisas que tentam a uns e a outros não, mas há uma tentação que com certeza vos assaltará um dia, e é contra ela que eu quero prevenir-vos.

Ficareis provàvelmente surpreendidos se vos dissesse quantos rapazes me têm escrito a agradecer-me o que escreví a este respeito; por isso espero que haverá outros que receberão com agrado uma palavra de conselho sobre o vício secreto que se apodera de tantos. O fumo, a bebida e o jogo são vício de adultos que por isso atraem alguns rapazes, mas este vício secreto não é o vício de homens — os homens não têm senão desprezo por aquele que se lhe entrega. Há rapazes, como os que começam a fumar, que entendem ser distinto e viril contar ou ouvir histórias sujas, facto que apenas mostra que são imbecis.

Todavia tais conversas, a leitura de livros obscenos e a vista de quadros imorais lascívos podem muito bem levar um rapaz leviano à tentação do vício solitário. É coisa perigosíssima porque, tornando-se hábito, tende arruinar-lhe a saúde e o ânimo.

Mas quem tiver um resto de virilidade, repele imediatamente a tentação. Deixará logo de olhar para os livros e de ouvir tais histórias e pôr-se-á a pensar noutra coisa,

Por vezes o desejo é causado por indigestão, por alimentação suculenta, por prisão de ventre, ou pela quentura da cama devido a excesso de roupa. O remédio está, pois, na supressão destes males e nos banhos de água fria, ou exercícios da parte superior do corpo, como o soco e outros.

Poderá parecer difícil alcançar a primeira vitória sobre a tentação, mas, uma vez alcançada esta, será mais fácil vencer depois.

Se as dificuldades continuarem, não faças segredo do caso, mas vai ter com o teu pai ou com o teu chefe, conta-lhe o que há e tudo se remediará.

BADEN-POWELL

PELOS GRUPOS

Sessão Escotista no Grupo n.º 13 — Sociedade de Geografia de Lisboa

No passado dia 26, efectuou-se às 21 horas, na Sociedade de Geografia de Lisboa, uma sessão dedicada às famílias dos escoteiros, estando presentes representações dos grupos n.ºs 1, 7, 9, 10 e 13 e da Companhia de Guias de Portugal «Rainha D. Leonor». Presidiu o sr. Prof. Júlio Santos, presidente da direcção do grupo, secretariado pelos srs. Eng.º Nobre Santos, Antero Nobre, e D. Vera Varela, das Guias de Portugal.

Foram exibidos os filmes «Aldeias de Portugal» e «Vida do Linho». No primeiro pudemos apreciar a alegria e beleza típica das nossas aldeias, os seus costumes e harmonia das suas danças e músicas. O segundo demonstrou-nos bem a alegria e o gosto pelo trabalho, pois em cada fase da vida do linho havia uma festa com flores, danças e cantares. Pudemos ainda observar os tratos que sofre o linho desde a preparação da terra à laboração dos lindos bordados regionais artisticamente trabalhados no branco linho por mãos hábeis de lindas bordadoras.

Durante um intervalo, o sr. Antero Nobre falou sobre o escotismo e a família, referindo-se à fraternidade da grande família escotista.

Projectaram-se depois dois filmes, um dos quais apresentou a vida dos escoteiros marítimos, sendo digno de nota o facto da instrução de provas ser feita pelos companheiros de um aspirante que iniciava a sua preparação. O segundo filme apresentava um grande acampamento de escoteiros de vários países, surgindo, ao final, a figura de Baden-Powell sobreposta a um fundo de vários acampamentos, a partir do acampamento da Ilha de Brownsea com 12 escoteiros até ao maravilhoso Jambori de 1929, em Inglaterra, com 50.000 escoteiros de muitos países.

O sr. Eng.º Nobre Santos comentou os filmes e referiu-se ao ideal escoteiro, sendo encerrada a sessão com a canção «E' Lá!». — *L. I.*

Sessão de cinema no Grupo «Pedro Álvares Cabral»

No passado dia 17, o grupo em organização na igreja da rua Febo Moniz, levou a efeito no salão de festas daquela igreja, uma sessão de cinema, dedicada aos seus rapazes e famílias.

Antes de dar início à sessão, o chefe do grupo, sr. Albano Costa, salientou o carinho de que se vê rodeado, agradecendo a todos os presentes.

Graças à gentileza da Embaixada do Canadá, foram exibidos alguns filmes de curta metragem, que satisfizeram a numerosa assistência. — *M. G.*

Grupo N.º 5 — Lisboa

No dia 26 de Março passado, este grupo comemorou o 98.º aniversário de Baden-Powell com uma sessão na sede, ao qual assistiram, além dos seus escoteiros, as suas famílias e antigos escoteiros.

O chefe do grupo, sr. Mário Fernandes, referiu-se à personalidade do Fundador e ao aniversário que se comemorava. Usou também da palavra o presidente da direcção, sr. Arnaldo Silva, que mostrou o seu contentamento pela actividade do grupo 5 e se referiu à obra de B.-P., aproveitando o ensejo para entregar ao escoteiro João de Albuquerque Lourenço a Medalha de Coragem, Abnegação e Humanidade com que o Instituto de Socorros a Náufragos galardoou este membro do grupo por um acto de abnegação que muito prestigiou o Escotismo.

O busto do Fundador ficou coberto de flores como homenagem dos escoteiros e amigos do grupo.

Grupo n.º 84 — Entroncamento

Escoteiros deste grupo, bem como o seu chefe e subchefe, tomaram parte nos exercícios da D. C. T. realizados em 26 de Fevereiro passado naquela Vila — *C.*

Grupo n.º 60 — Vila Real de Santo António

O Grupo bivacou em 25 de Janeiro, tendo realizado trabalho proveitoso, em especial na montagem de macas e ligaduras, em transmissões e no treino de transporte de «feridos».

* * *

Deixou-nos, para fixar residência em Lisboa, o Guia António José Leiria Reganha Pereira, irmão do subchefe do Grupo 85 sr. João Leiria Reganha Pereira. Fica assim o «60» privado de mais um bom colaborador, que às lides escotistas dedicou desde muito novo o melhor do seu entusiasmo e boa vontade, tendo sido de entre os da actual «geração» o primeiro a obter a 1.ª classe.

Que a vida na capital lhe corra propícia são os nossos votos.

* * *

Nos moldes do concurso «Taça A. E. P.» que terminou em 31 de Dezembro do ano findo, está a ser disputado o «Trofeu Grupo N.º 60», que consta de uma interessante escultura de bronze e mantém já todas as patrulhas em efervescência.

* * *

Para apuramento dos «campeões» da modalidade está decorrendo no Grupo um animado torneio de ténis de mesa. — *C.*

As dez regras de Jefferson

1.ª — Não deixeis para amanhã o que se pode fazer hoje.

2.ª — Não empregueis ninguém para o que vós mesmos puderdes fazer.

3.ª — Não gasteis o vosso dinheiro antes de o terdes ganho.

4.ª — Não compreis nunca seja o que for de que não preciseis, só pelo facto de ser barato.

5.ª — A vaidade e orgulho prejudicam-nos mais do que a fome, a sede e o frio.

6.ª — O comer de mais prejudica. De comer pouco é raro alguém ter que se arrepender.

7.ª — Não há nada fatigante se é feito de boa vontade.

8.ª — Não vos aflijais antes de tempo. Quantas tristezas são causadas por desgraças que nunca chegam!

9.ª — Encarai sempre tudo pelo melhor.

10.ª — Quando estiverdes irritados, contai até dez antes de falardes, e até cem se estais muito zangados.

Coopere na campanha para mais assinaturas, remetendo à Redacção o nome de um novo assinante.

Um problema difícil

O João teve bons auxílios para resolver o último problema. A idade do Tio Matias era, afinal, fácil de encontrar. A maneira aritmética de resolver o problema é este: «*As duas incógnitas são:* X e X-1. *Ora* $X + X(X-1) = X + X^2 - X = X^2$. *De onde se verifica que o número procurado terá de ser um quadrado perfeito O único quadrado perfeito que existe entre 50 e 70 é 64.*

Mas o problema poderia também ser encontrado por simples tentativas, visto que o único número de filhos que dava para o problema era 8. Se cada filho tinha, por sua vez, tantos filhos como irmãos, tinha 7 filhos. $7 \times 8 = 56 + 8$ filhos $= 64$.

Acertaram na solução do problema os escoteiros: João Venâncio e Baldomiro Nunes Duarte Soares, do Grupo 6, de Olhão; José Domingos Barrão, Fernando Rosa da Conceição Matos, António Norberto de Sousa Cunha, do Grupo 77, de Faro; Lobo Activo, do Grupo 157, de Faro, do C. N. E.

* * *

Na reunião de patrulha da última semana, estavam todos atentos ao problema que o João iria apresentar. Porque esta disputa entre o João e o Carlos tinha, afinal, interessado todos os componentes da «Veado». O João entrou na sede, sorridente, com ares de vitorioso. Todos o cercaram ansiosos. — Então o problema? — perguntou o Carlos. O João sorriu e respondeu pausadamente: — «O meu tio Serafim tem um terreno rectangular que mede 60 m. de frente e 30 m. de lado. E ele quer construir aqui um prédio que tenha exactamente 60 m. de frente e 30 m. de lado. Contudo, e além do prédio, ele ficará também com um jardim, no mesmo terreno, que tenha igualmente 60 m. de frente e 30 m. de lado.

«E o caso — continuou o João — é que, embora isto pareça impossível, ele já tem o projecto feito e consegue fazer o que deseja. Garanto-vos que não há aqui artifícios de palavras e que a coisa é perfeitamente natural».

Todos os leitores que nos enviarem a solução certa deste problema receberão como prémio uma pequena lembrança.

Dr. Alfredo Tovar de Lemos

Por ter atingido o limite de idade, no Dispensário de Higiene Social foi prestada, no passado dia 24, significativa homenagem ao sr. dr. Tovar de Lemos, que há 25 anos desempenhava o cargo de director daquele organismo. A cerimónia efectuou-se no gabinete do homenageado, que os funcionários encheram de flores.

Estiveram presentes o filho do homenageado, Escoteiro-Chefe Luís Tovar de Lemos; drs. Maciel Chaves, médico da P. S. P.; Pereira Mendes e Aníbal Canto Nogueira. O sr. dr. José Mendes, discursando, saudou o dr. Tovar de Lemos e pôs em relevo as suas qualidades de carácter e competência como especialista de pele e sífilis, referindo-se aos relevantes serviços prestados como director daquele estabelecimento. Enalteceu também a sua acção dedicada como dirigente escotista, de bombeiros voluntários e de muitas outras instituições.

Recebido por uma entusiástica salva de palmas, o sr. dr. Tovar de Lemos agradeceu sensibilizado a manifestação de simpatia que lhe era tributada, afirmando que era com muita saudade que se afastava das suas funções e dos seus colaboradores.

«Sempre Pronto» associa-se gostosamente à homenagem prestada ao ilustre médico, a quem saúda com amizade.

Esquema educativo do Escotismo

Conferência de Enrique Genovés na sessão comemorativa do X aniversário do "Sempre Pronto"

(Continuação do número anterior)

O programa dos Lobitos, crianças de oito a onze ou doze anos, é essencialmente de anulação e transformação das qualidades predominantes na criança, que, normalmente, são de ordem negativa. A criança dessa idade tem uma exagerada opinião de si mesma, é fanfarrona, egoísta, solitária mental, muito curiosa e terrìvelmente imitadora de quanto lhe chama a atenção. E' inclusivamente cruel. Possìvelmente, a única qualidade positiva é um fundo de generosidade muito desconcertante nas suas manifestações externas. O plano de trabalho dos Lobitos é primordialmente de intensa actividade colectiva para anular o seu excessivo individualismo, de jogos em grupo em que cada Lobito deve actuar limpa e francamente como parte de uma equipa. O Chefe dos Lobitos aproveita a curiosidade dos rapazitos para interessá-los numa série de coisas que desenvolvam a sua habilidade e o seu corpo, e conduzam o seu espírito por horizontes amplos e generosos, levando-lhes de uma maneira insensível, pelo caminho desejado.

Até os onze ou doze anos, o rapaz evoluciona para um sentido colectivo da vida, ganha uma tendência definida para com a reunião em pequenos grupos ou agremiações. Aqui inicia-se a segunda etapa e o Lobito converte-se em Escoteiro. O programa aproveita o afã dos rapazes e organiza-os em Patrulhas, pequenos bandos constituídos por oito rapazes que elegem o seu próprio chefe e distribuem por eles os cargos e trabalhos dentro da Patrulha. Cada Patrulha é uma república maravilhosa que desenvolve uma actividade intensa, que joga, luta ou se adestra de uma maneira harmónica. Um plano de provas e insígnias muito extenso, levam cada rapaz a conhecer e dominar uma série de matérias extra-escolares que forjam o seu carácter e lhe sugerem ideias de disciplina, obediência e sacrifício, despertam-lhe a iniciativa e o sentido de responsabilidade e fortalecem-lhe os músculos. O rapaz adopta um código cavalheiresco, a Lei do Escoteiro, e cumpre os seus postulados por sua própria convicção, por lealdade para com os seus camaradas, para com os seus superiores, para com uma pequena bandeirola — a da sua Patrulha — que ostenta como emblema a silhueta de um animal.

O programa anulativo dos Lobitos converteu-se em construtivo com os Escoteiros, e estes, entre um jogo e outro jogo, entre uma excursão e outra excursão, vão-se convertendo em homens. Dentro desse mesmo programa, até os quinze ou dezasseis anos, o plano de provas e insígnias torna-se mais difícil, mais duro, mais de harmonia com o início de evolução até à idade adulta que essa época acusa.

Até os dezoito anos, o Escotismo pròpriamente dito terminou o seu trabalho com o rapaz. Faz dele um ser consciente, hábil, disciplinado, forte e são de corpo e mente. Esse rapaz está em condições de empreender a rota para situar-se na vida de modo que possa conduzir-se por si mesmo e não ser uma carga, nem para a sua família, nem para a sociedade. O rapaz de dezoito anos está no momento crucial da vida, está prestes a embarcar na sua própria canoa e a conduzi-la por seu próprio esforço através de toda a classe de obstáculos até ao porto da felicidade.

O Método Escotista, nos seus primeiros anos de existência e de aplicação, terminava aqui, no momento em que o rapaz completava os dezoito anos. O plano era bom, mas a experiência demonstrava que estava incompleto, porque os rapazes, ainda os mais bem preparados, continuavam a precisar de um apoio nesse momento decisivo da vida. Baden-Powell pressentiu essa necessidade, e em mil novecentos e vinte e três publicou o seu livro CAMINHEIRISMO PARA O ÊXITO que é todo uma doutrina, todo uma norma de procedimento dirigida em linha recta aos jovens, uma acumulação de conselhos imbuídos do mesmo espírito alegre e compreensivo do Escotismo, em que se mostra à juventude todos os escolhos que encontrará no seu caminho e como deve torneá-los. Sob a inspiração desse livro, nasceu o Caminheirismo, o terceiro ramo do Movimento Escotista, que tem por fim ajudar o jovem nessa etapa da sua marcha para a virilidade total, em que o jovem está procurando encontrar-se a si próprio.

O Caminheirismo é, sobretudo, auto-educação. O Caminheiro não é dirigido, não é guiado materialmente. Assinalam-se-lhes os perigos da sua rota e anima-se-o a torneá-los e a vencê-los. Transmite-se-lhe a convicção de que só ele próprio pode fazer por vencer.

Nenhum rapaz é considerado Caminheiro automàticamente pela única razão de haver completado os dezoito anos. Para ser Caminheiro é necessário que ele o queira ser, que voluntàriamente demonstre desejar fazer parte dessa alegre fraternidade do ar livre e do serviço que é o Caminheirismo. Se ele o deseja e o demonstra cabalmente, depois de um período de Noviciado que dura uns meses, é investido Caminheiro numa cerimónia de carácter cavalheiresco e vai fazer parte do Clã, pequeno agrupamento de Caminheiros que se tornará para ele o apoio, o refúgio e a ocasião de servir. O Caminheiro dirige já a sua própria canoa, mas sabe que não está só no turbulento rio da vida, porque as suas forças fraquejam, e a sua vontade decai, os seus companheiros ajudam-no, aconselham-no e lutam com ele.

Os Lobitos têm como lema a divisa O MELHOR POSSÍVEL, que caracteriza o desejo de superação na sua etapa educativa. Os Escoteiros guiam-se pela divisa SEMPRE PRONTO, como índice do seu período formativo. Os Caminheiros actuam debaixo do lema SERVIR, demonstrativo de que já estão capacitados para ser úteis e do seu espírito de sacrifício.

Possìvelmente, seria suficiente a enumeração destas três galhardas divisas O MELHOR POSSÍVEL, SEMPRE PRONTO e SERVIR, para explicar a essência do Método Escotista, sabendo-se que não são meras frases, mas sim autênticas realidades nas diversas etapas da vida do rapaz submetido à educação escotista.

Isto é em esquema o plano educativo do Escotismo e o seu êxito tem sido comprovado por milhões de rapazes pertencentes a mais de cinquenta países de todas as raças e de todas as religiões, que passaram pelas suas fileiras. Eles prometeram cumprir os seus deveres para com Deus, a Pátria e a Humanidade, e cumprindo a sua promessa, estão assentando as bases de um mundo de boa vontade.

Quero terminar esta pobre palestra, rendendo um tributo de admiração para com os homens que sacrificam as melhores horas da sua vida pela juventude. Para com os chefes-escoteiros que dão quanto sabem ao Escotismo, sem outro prémio que não seja a íntima satisfação de saberem que trabalham por uma Humanidade mais pura. A minha admiração vai para todos

(Conclui na 6.ª página)

O LIVRO DE PATRULHA

(Continuação do número anterior) — Por ANTERO NOBRE

§ 3.º

Como se confecciona o Livro de Patrulha

Os materiais a utilizar na confecção do *Livro de Patrulha* variam com as circunstâncias mais diversas: as possibilidades económicas que a Patrulha e os seus componentes tenham para os adquirirem; a maior ou menor facilidade dos escoteiros os obterem por oferta de seus Pais, de seus amigos ou do próprio comércio local; a maior ou menor habilidade ou aptidão dos rapazes da Patrulha para manipularem uns ou outros; até o gosto artístico de todos, que os faça preferirem este ou aquele. A escolha desses materiais, embora condicionada por aquelas circunstâncias e muitas outras, deve, porém, ser deixada sempre livremente à Patrulha, bem como a escolha dos motivos e sistemas ornamentais e decorativos; deve limitar-se a orientar os rapazes, no sentido de que aquele não deixe de conter todos os elementos e indicações indispensáveis para que possa bem desempenhar a sua missão, e a estimulá-los com vistas ao seu contínuo aperfeiçoamento, quer técnico, quer estético.

Variando assim os materiais com que é possível confeccionar o *Livro de Patrulha*, tudo o que deles a seguir se diz, como aliás tudo o que anteriormente da organização daquele se disse já, constitui apenas exemplo ou sugestão para quem pretenda não deixar de utilizar um tão valioso auxiliar da pedagogia escotista.

A capa do *Livro*, sempre dura e tanto quanto possível rígida, para melhor proteger o conteúdo daquele, pode ser de cartão grosso, de madeira, de couro, etc. e com estes materiais *ao natural*, permita-se-nos a expressão, ou revestidos de folha de estanho, de empreita de palma fina ou ráfia, de entrançados de lãs, fazendas ou cabedais, de tela, simples pano ou seda, estes últimos por sua vez possìvelmente pintados ou mesmo bordados; sobre a capa assim confeccionada se colocará uma sobre-capa amovível de papel celofane incolor, que resguarde aquela convenientemente durante o manuseio do *Livro*, sem impedir que se vejam os seus ornatos, desenhos, pinturas, bordados ou relevos. E não se estranhe que falemos de capas de seda bordada, pensando talvez que desejamos com isso ver os nossos escoteiros entregues a bordados de ponto de cruz, matiz ou missanga; esses bordados, quando se queira ou tenha possibilidade de utilizá-los para a capa do *Livro*, não serão, evidentemente, feitos pelos rapazes e sim por suas Mães, Madrinhas de Escotismo (as madrinhas da Promessa Escotista) ou... Noivas (e porque não? Os nossos seniores mais velhos, pelo menos, não se encontram já em idade disso e, na realidade, não as têm mesmo? Não estará exactamente em pretendermos ignorar ou alhearmo-nos disso, no Movimento Escotista, um dos motivos do frequente afastamento dos seniores das nossas fileiras?), que desta forma colaboram bem de perto, e com uma nota de ternura e carinho, no trabalho dos rapazes. O *Livro de Patrulha* constituirá assim, também, um valiosíssimo elo dessa ligação entre o Grupo e as famílias dos seus escoteiros (e até das futuras famílias...), que é indispensável à eficiência da acção dos educadores escotistas e ao próprio triunfo do Escotismo; ao grande interesse que, por exemplo, minha Mulher ainda agora manifesta pelas coisas do Escotismo, não devem ser estranhas aquela *capa* de um *Livro* e aquelas *bandeirolas* de Patrulha que ela, com tanto carinho, bordou pacientemente há mais de vinte e três anos, para o simples escoteiro que era então o seu noivo, trabalhos depois conservados com devoção através dos anos e hoje olhados e estimados como verdadeiras *relíquias* pelos nossos filhos, que ela veio a contagiar do seu interesse... e já são também escoteiros desde que a idade lho permitiu!

As dimensões normalmente usadas na capa do *Livro de Patrulha* são 17x25 centímetros, não convindo realmente fazê-las mais pequenas, para que, com a acumulação de folhas resultante da... *longevidade* da Patrulha, a altura do *Livro* não acabe por ficar muito desproporcionada em relação ao seu comprimento e largura; mas também há quem as faça maiores, atingindo as proporções vulgares dos álbuns, no que, se se for até ao exagero de se imitar os álbuns grandes que por aí se vêem, há igualmente a inconveniência de tornar o *Livro* pouco manuseável. Aqui, como em tudo na vida, *in medio stat virtus*... Em cada Grupo, porém, deve procurar-se que as dimensões dos *Livros* sejam iguais para todas as Patrulhas, facilitando-se a sua comparação nas classificações dos concursos.

Quanto à forma de *ilustrá-la*, a capa pode ser bordada, como já se disse, desenhada (à pena, a lápis, a carvão, etc.), pintada (a aguarela, óleo, guacho, pastel ou simples lápis de cores), pirogravada (gravura a fogo sobre madeira ou couro), adornada com baixos-relevos em folha de estanho, recortada ou esculpida em madeira colorida ou não, utilizando nas empreitas e entrançados já referidos palma, ráfia ou tiras de várias cores, para com elas formar os desenhos escolhidos, etc. Até já vimos uma capa de vidro com *pintura judaica* (pintura executada no verso do vidro, com purpurinas, espelhando-se o fundo com folha de estanho ou tinta preta), confeccionada por uma Patrulha cujo Guia era filho de um pintor da especialidade, que orientou os rapazes...; e também uma feita de um curioso encanastrado de tiras de folha de flandres colorida, aproveitando aparas de corte de uma Litografia, onde trabalhava o pai de um escoteiro da Patrulha... As capas de cartão branco, coloridas a aguarela, guacho ou lápis de cor, são, evidentemente, as mais simples de confeccionar, quer no que respeita à obtenção dos materiais, quer no que se refere à facilidade do respectivo trabalho; mas as de couro são também, sem dúvida, as mais *escotistas*, dado o grande lugar que os trabalhos manuais em cabedal têm nas melhores tradições do Movimento. E não só sobre aquele material se pode pintar e pirogravar, mas com ele é possível fazer lindos entrançados e encanastrados coloridos; uma das mais curiosas capas que já vimos era exactamente de um desses encanastrados, sobre o qual, ao centro, foi pregado um medalhão de folha pintada, imitando esmalte, com a alegoria a que nos referimos no § anterior.

A ligação das folhas do *Livro* à respectiva capa, para que aquelas fiquem móveis, far-se-á por meio de dispositivo vulgarmente usado nos arquivos de correspondência, ou qualquer outro similar que a engenhosidade ou habilidade dos escoteiros porventura inventem. O sistema de argolas metálicas, hoje muito divulgado entre nós, é óptimo e com a vantagem daquelas serem já de fácil aquisição no mercado, em todas as dimensões; mas poderá igualmente utilizar-se, por exemplo, de fitas de cabedal ou cordões de torçal ou seda, passados em furos para o efeito praticados na capa e em coincidência com os furos das folhas, ou ainda o de molas de aço abrangendo toda ou apenas parte da lombada, etc. Em regra deverá adoptar-se o sistema que melhor se harmonize com o conjunto da capa e do *Livro*.

A margem das folhas destinada a ser presa à capa, seja qual for o sistema de prisão adoptado, deve ser reforçada por meio da colagem de umá tira de papel, tela ou pano, que lhe aumente a resistência, mas sem aumentar muito a espessura, para que não aumente igualmente muito a grossura da lombada em proporção à do conjunto das folhas. O topo das folhas, oposto ao lado da lombada, bem como o superior e o inferior, podem ficar em branco ou ser dourados ou pintados de vermelho ou outra cor que se harmonize bem com a capa. E esta deve ser sempre de dimensões um pouco superiores às das folhas, não só para melhor resguardo, como para melhor aspecto do conjunto.

O material das folhas variará um pouco, como é natural, com o seu destino. As folhas destinadas apenas a alegorias e dísticos, como as primeiras três do *Livro* ou a primeira de cada uma das suas partes, poderão ser em tela, em vulgar papel de desenho ou em papel de «cavalinho» ou «fabriano», conforme o sistema de ilustração adoptado: óleo, desenho, pintura a lápis de cores, aguarela, etc. As folhas que servem simultâneamente para desenhos e escritos, mesmo aquelas em que estes predominem, podem ser feitos em papel pautado, marginado por traços vermelhos simples ou ornamentais, mas é preferível — por mais artístico — que o sejam também em papel branco de desenho ou não, embora tenha de se lhe fazer, para guia do calígrafo, uma pauta a lápis muito fino, que depois se apagará. As que se destinem exclusivamente a escritos — relatórios, actas, etc. — podem ser apenas em papel pautado, marginado como já se disse, salvo se aqueles, em vez de serem caligrafados, forem dactilografados; neste caso, porém, deve procurar-se que a própria dactilografia tenha, tanto quanto possível, aspecto artístico, pela sua disposição e pelo uso das maiúsculas, dos tracejados e sublinhados, do vermelho e do preto, etc. Já vimos também um *Livro* que era quase todo dactilografado, em que as próprias alegorias eram feitas a duas cores na máquina de escrever — e entre elas havia um escudo das quinas e uma flor de lis inexcedíveis de perfeição —, mas nem por isso deixava de ter o seu cunho de verdadeira arte e revelar muita paciência e muito trabalho; mas esse era de uma Patrulha em que havia um dactilógrafo emérito e quase profissional...

As folhas destinadas à escrita das receitas e despesas e inventário terão os respectivos riscados contabilísticos: há-as à venda no mercado e em formatos que se adaptam muito bem. Por último, as folhas destinadas a fotografias serão em cartolina fina, branca, preta ou de qualquer outra cor, e em que aquelas serão coladas; em cada folha poderá desenhar-se uma cercadura geral a guacho ou pequenas cercaduras, uma para cada fotografia, escrevendo-se também a guacho as respectivas legendas.

Como já dissemos anteriormente, pode-se, e é mesmo habitual nalguns Grupos, reservar para uns *anexos* ao *Livro* as fotografias e recordações dos passeios, excursões e acampamentos. Estes *anexos*, entre os quais se podem incluir os tradicionais herbários e semelhantes, são normalmente de formato muito maior que o *Livro*, embora não devam nunca exceder o dos vulgares *dossiers* de correspondência, que se vendem no mercado; e o sistema de prisão das folhas móveis, estas normalmente em cartolina branca ou de cores, pode ser semelhante ao daquele. Tais *anexos* não carecem, evidentemente, dos cuidados e preocupações artísticas dos *Livros de Patrulha*, mas devem ser sempre, pelo menos, limpos e ordenados; nas capas é que está principalmente a sua *arte*, mas quanto mais sóbrias aquelas forem, melhor corresponderão, parece-nos, à sua finalidade. São as capas de cartão forte, couro ou madeira, sem dúvida, as preferíveis; com estes dois últimos materiais, em conjunto, podem mesmo fazer-se trabalhos muito interessantes, imitando as capas dos velhos *calhamaços* medievais. Não cabem nas dimensões deste nosso modesto trabalho os pormenores técnicos da execução de tais capas, mas os nossos leitores podem encontrá-los fàcilmente, entre outros,

(Continua na 6.ª página)

O LIVRO DE PATRULHA

(*Continuação da 5.ª página*)

no magnífico livro «*Mains habiles — Traveux manuels pour éclaireurs*», de A. Boekholt (Wébé).

E aqui está como se confecciona o *Livro de Patrulha*...

Sabemos bem que, nesta altura, não poucos dos nossos leitores, se pudessem, nos diriam, como aliás já nos disseram alguns dirigentes a quem oportunamente falámos no assunto, que, ocupados em preparar um *Livro* assim, os escoteiros não teriam tempo para fazer mais nada; ou que os escoteiros-chefes ocupariam todo o seu tempo a ensinar os rapazes a organizar o seu *Livro de Patrulha*... Desculpas destas, porém, são já, e há muito, nossas velhas conhecidas; são *parentes próximas* daquelas que se dão normalmente para não utilizar até o próprio *Sistema de Patrulhas*... Mas, ainda assim, responder-lhes-emos; e apenas da seguinte forma: o que aí fica descrito tão bem quanto nos «ajudou engenho e arte», foi por nós integralmente realizado, durante quatro anos ininterruptos, com *patrulhas* que tiveram tempo para fazer tudo o que deviam e lhes competia pelo *Sistema de Patrulhas*, sem nada ficar negligenciado ou esquecido e por forma tão completa como poucas vezes se terá feito em Grupos de escoteiros portugueses. E se nós o conseguimos, sem possuirmos quaisquer dons especiais ou uma capacidade excepcional de realização, cremos bem que só o não fará quem o não quiser; a não ser que tenhamos de concluir que, quem se diz incapaz de o fazer, não se encontra, afinal, possuidor daquele mínimo de condições indispensáveis — pelo menos condições de tempo disponível — para ser escoteiro-chefe...

(Continua)

Esquema educativo do Escotismo

(*Conclusão da 4.ª página*)

aqueles que, de acordo com a póstuma homenagem de Baden-Powell fazem todo o possível por deixar o mundo um pouco melhor do que eles o encontraram.

Que o Escotismo siga na boa senda neste belo país, para maior glória de Deus e da Pátria.

ENRIQUE GENOVÉS

• • o • •

VAMOS A PARIS!

Grande Excursão

do «Sempre Pronto»

A nossa excursão a Paris tem despertado o interesse de muitos dos nossos leitores, que se nos têm dirigido fazendo perguntas e mostrando o seu entusiasmo pela iniciativa. Trata-se, de facto, de uma oportunidade rara em face do belo programa da visita à «capital da Europa» e do preço reduzido da excursão. E' preciso notar que a quantia de Esc. 2.000$00, inclui, além da viagem de ida-e-volta, o alojamento e as refeições em Paris, uma visita à cidade em autocarro, uma excursão a Versalhes e almoço num restaurante local, entrada em diversos Museus, subida à Torre Eiffel, passeio de barco no Sena e um espectáculo na Comédia Francesa, programa este que, feito individualmente, custaria bastante caro. Devem-se estas extraordinárias facilidades à simpática colaboração do «Office du Tourisme Universitaire» através do patrocínio do Delegado do Turismo Francês em Portugal, sr. Jacques Grasset, que, honrando as tradições de hospitalidade da França e do povo francês, nos proporcionam tão excelente oportunidade.

Reconhecemos que, apesar do preço reduzido, a quantia de Esc. 2.000$00 não está ao alcance de todas as bolsas, mas quem puder fazer um sacrifício aproveitará uma ocasião única.

Todos os nossos assinantes interessados devem fazer a sua inscrição definitiva até ao fim do corrente mês, visto que precisamos de assumir compromissos com as entidades que intervêm na viagem.

Se não pudermos obter o número de excursionistas necessários para o aluguer do autocarro, estudaremos a possibilidade de fazer a excursão de comboio, aproveitando as carruagens especiais que a C. P. tem ao serviço entre Lisboa e Hendaia. O programa da excursão em Paris não sofreria, por este motivo, qualquer alteração. No entanto, ainda esperamos poder realizar a viagem de autocarro.

A ausência de riso indica falta de saúde. Ri-te tanto quanto puderes, que te faz bem. — B.-P.



MAGGI

Foi o primeiro e é o mais moderno fabricante de sopas concentradas que, graças à sua rápida preparação, poupam tempo e dinheiro.

As últimas novidades das sopas Maggi, de insuperável qualidade, são:

- Creme de espargos
- Creme de cogumelos
- Creme duquesa (cereais e legumes)
- Sopa jardineira (legumes sortidos)
- Sopa de espinafres
- Canja de galinha com aletria
- Canja de galinha com arroz
- Caldo de carne

Cada embalagem permite a preparação, por simples e rápida fervura, de deliciosas sopas de requintado gosto caseiro e isentas de gosto de fábrica.

A superior qualidade das sopas Maggi reside na escolha dos melhores alimentos-base (hortaliças, legumes, cereais, carnes, etc.) e na sua esmerada preparação.

MAGGI

A GRANDE MARCA SUIÇA

UM BIVAQUE

DEBAIXO DE NEVE

Naquele dia realizava-se a reunião habitual do nosso Grupo. Tratava-se de um dia especial para nós, pois íamos combinar os preparativos de uma excursão à montanha. O caso nada teria de extraordinário, mas o que é certo é que nevava furiosamente. Quando eu me levantava de manhã para ir para a escola, os caminhos estavam sempre cheios de neve e só a custo eu conseguia avançar...

A reunião decorreu muito atribulada, enquanto o nosso Chefe expunha a importância e os perigos do passeio, a neve batia furiosamente nas janelas da sede. Ele olhava imperturbável para todos nós e continuava a expor o problema. Teríamos de levar roupa de lã e vestuário impermeável. Teríamos que arranjar botas e um gorro para a cabeça e um par de esquis.

Enquanto o Chefe dizia isto tudo, lá fora andava um temporal desfeito, mas o certo é que ele sabia por artes mágicas que no dia da excursão estaria sol... Nós ficávamos um pouco incrédulos com estas afirmações mas tudo se arranjaria pelo melhor.

O célebre dia chegou, cheio de sol e cheio de frio também. O nosso Grupo estava já cotado como uma associação de loucos e o Chefe como o primeiro louco daqueles sítios mais próximos. Muito trabalho ele teve para convencer os pais dos rapazes de que o frio não faria mal a ninguém. Após tudo isto, dirigimo-nos em fila indiana para a montanha, as botas escorregando na neve que não derretia. As mães choravam e tentavam meter grossos cobertores nos nossos sacos e choviam piadas como granizo. Impávidos e serenos como verdadeiros desbravadores do Polo, virámos a curva da estrada.

Aquele dia seria o mais belo da nossa vida. Nunca nos havíamos dedicado a espreitar a poesia de um regato gelado e de um penedo feito bola de neve. Ao fim de algumas horas de exercício, desapareceu o frio; o sol reflectia-se na neve e produzia calor.

Quando ao entardecer regressámos, andava tudo metido em grandes sobretudos. Tal como à partida, veio tudo às janelas mas desta vez para admirar o nosso estado. Para nós, aquilo era muito curioso pois estávamos cheios de calor.

Agora mesmo, descobri em minha casa as botas que eu levara nesse dia: tive subitamente a impressão que elas tinham também vontade de voltar outra vez àquela montanha.

JORGE ADOLFO CIERCO
Escoteiros Marítimos

Estatística das actividades do Grupo n.º 6 de Olhão em 1954

ACTIVIDADES	Lobitos	Escoteiros
Reuniões de cada bando	80	—
Reuniões gerais da alcateia e do grupo	12	12
Reuniões gerais de cada patrulha	—	94
Bivaques	2	15
Acampamentos	3	28
Exercícios — jogos diurnos e nocturnos	—	6
Sessões de ginástica	—	47
Saídas da patrulha de estudos	—	1
Actividades de carácter cívico	7	9
Serviços sociais e de assistência	—	1
Festas de propaganda escotista	1	1
Festas do aniversário do Grupo	1	1
Reuniões do Conselho de Guias	—	45
Acampamentos Regionais de Guias	—	3

Efectuaram-se mais as seguintes actividades:

1 concurso de provas escotistas (Concurso «Antero Nobre»).
1 torneio de provas atléticas.
1 concurso permanente «Honra e Mérito».
1 concurso permanente «Assiduidade».
1 acampamento de férias.

PRESENÇAS		Efectivo do Grupo	
Dirigentes	581	3	
Escoteiros	6.427	36	(5 patrulhas)
» (aspirantes)	528	16	
Lobitos	2.256	24	(4 bandos)
» (aspirantes)	276	15	
	10.068	94	

Como nos anos anteriores, o «Sempre Pronto» publica resumos dos mapas estatísticos das actividades escotistas do Grupo n.º 6, por onde se pode ter uma noção aproximada de que foi um ano de trabalho da activa unidade escotista algarvia.

De notar, a variedade dos empreendimentos levados a cabo pelos rapazes do "Seis„ a que, como em anos anteriores, demonstra uma orientação inteligente e firme dos seus dirigentes, que bem merece um "Bravo„ de felicitação.

• • o • •

Dos amigos do "Sempre Pronto"

Nascimento — Está de parabéns o nosso estimado camarada sr. Eduardo Rolão, e sua Esposa sr.ª D. Fernanda Rolão, pelo nascimento em princípios de Março passado do seu primeiro bebé, a quem desejamos as maiores venturas.

Nova residência — Pede nos o nosso amigo e camarada Justino Estêvão da Silva para informar que a sua actual residência é em Belas, Av. Veiga e Cunha, 20-2.º D.º.

Novos Assinantes

A falta de espaço impede-nos de regularmente dar notícia dos novos assinantes que, correspondendo ao nosso apelo, nos têm sido remetidos pelos nossos estimados leitores ou se têm inscrito directamente. Contudo, regularmente temos recebido novas assinaturas tendo registado este ano as seguintes 32:

Srs. António Pereirinha Pinto, Camilo José Nogueira, Vítor Silvestre e tenente Norton da Silva, por intermédio do sr. Albano Duarte Costa. Fernando Martins Sanches, António M. Martins, António Joaquim Mendes e José Ornelas, por intermédio do sr. Samuel Vieira. Tenente Fernando Miranda Gomes, por intermédio do sr. Augusto José do Carmo Pereira. Sr. Américo Ferreira, por intermédio do sr. João Henriques Rocha. Srs. Diamantino Nunes e Luís Rodrigues, por intermédio do nosso Agente no Entroncamento, sr. Manuel Rosa Valério. Sr. major Rocha de Abreu, por intermédio do nosso Agente em Faro, sr. Fernando Rosa da C. Matos. O Chefe do Grupo 41 do Porto, por intermédio do sr. Arnaldo Eduardo Couto. E ainda os srs. Ernesto Belo Redondo, Dr. Daniel Pina Cabral e José Baptista de Carvalho, por intermédio dos srs. Ernesto Nascimento, Armando Lino e José Eduardo Pena Ribeiro, respectivamente. Srs. Manuel Gomes Silveira da Cunha e Jorge Adolfo Cierco, por seu próprio intermédio. Directamente: srs. Guilherme Lourenço, D. Eunice Prazeres Soares, José Alexandre Ramos, Henrique Augusto da Silva, António Pombeiro, José Damião Gomes Henriques, António Marques Crespo, coronel Eduardo Silva Pereira, Artur Ferreira Manso, coronel Francisco Caetano Dias, Eduardo Serrano e Junta Regional de Braga do C. N. E.

A todos expressamos o nosso melhor agradecimento.

• • o • •

«SEMPRE PRONTO»

Cobrança de Assinaturas

Por motivo de atraso dos nossos serviços de cobrança, algumas assinaturas encontram-se bastante atrasadas, geralmente, por culpa nossa. Começámos a pôr em dia os serviços, procurando reorganizar o sistema de trabalho e estamos já activando a cobrança. Temos por isso apresentado a alguns assinantes recibos correspondentes a mais números do que o habitual semestre que costumamos receber e agradecemos muito o bom acolhimento que tem sido dispensado ao nosso cobrador. Noutros casos, acontecerá que logo após a cobrança de um recibo apresentemos outro à cobrança no desejo de normalizar os serviços. Pedimos muita desculpa destas deficiências e esperamos que de futuro a cobrança será feita com regularidade, agradecendo muito a cooperação dos nossos assinantes traduzida no pronto pagamento dos recibos apresentados.

• • o • •

Intercâmbio por Correspondência

ESPANHA

Medardo Sanmarti Trápaga, residente em c. Caracas, 9-5.º, d., Madrid, coleccionador de selos de todo o mundo, deseja trocar correspondência com outro filatelista para trocar selos, especialmente coloniais.

• • o • •

Joga com lealdade e exige jogo leal aos outros. — B.-P.

É bom saber...

GARRAFA LUMINOSA

Temos hoje uma ideia interessante que pode ser muito útil, até mesmo nas noites de acampamento. Trata-se de uma garrafa que, na escuridão da noite, pode dar luz suficiente para ver as horas num relógio. Arranjas uma garrafa de vidro branco e de forma alongada. Depois ferves um pouco de azeite de boa qualidade e metes na mesma garrafa um pedacito de fósforo (1) que não seja maior do que uma ervilha.

Vazas a seguir o azeite na garrafa. Quando quiseres claridade, basta tirar a rolha para deixar entrar o ar exterior, voltando logo a tapar. O espaço vazio da garrafa surgir-te-á então inflamado, dando tanta claridade como se fosse uma pequena lamparina.

Sempre que a luz se extinga, tornas a destapar a garrafa, deixas novamente entrar o ar, e continuarás a ter claridade. Repetirás esta operação sempre que necessitares de claridade. Se o tempo estiver muito frio, aqueces primeiramente a garrafa entre as mãos, porque se assim não fizeres ela não dará luminosidade.

A tua garrafa poder-te-á dar luz durante uns seis meses. Experimenta e manda dizer-nos o resultado.

(1) Trata-se de «fósforo» e não da cabeça dos fósforos vulgares.

Filatelia Escotista

Um novo selo escotista comemorativo do Terceiro Acampamento Nacional dos Escoteiros de Cuba

Os Correios de Cuba publicaram um interessante selo escotista em comemoração do acampamento nacional que ali se efectuou de 26 a 30 de Dezembro passado, comemorando o 40.º aniversário da fundação do Escotismo naquele país.

O acampamento efectuou-se numa planície de terra «tão vermelha como sangue» a 20 minutos de Havana e constituiu um acontecimento de grande relevo, tendo recebido a visita de autoridades oficiais e religiosas, muito público e teve grande participação de escoteiros.

O selo a que nos vimos referindo apresenta em fundo a bandeira nacional cubana e ao lado a insígnia escoteira daquele país. Em primeiro plano vê-se um lobito a fazer saudação e em segundo plano um escoteiro na mesma atitude. E' da taxa de 4 cêntimos e tem a legenda «Campamento Nacional de Patrulhes — Boy Scouts de Cuba». Cor verde clara.

Foi também publicado um sobrescrito especial e foi aposto um carimbo do primeiro dia da emissão: «Dic. 27-1954».

Ecos do Acampamento Internacional de Patrulhas de S. Paulo - Brasil

Associação dos Escoteiros «Parecis»

Esta unidade da União dos Escoteiros do Brasil, com sede em S. Paulo, nomeou o escoteiro-chefe Albano da Silva sócio correspondente em Portugal como «homenagem à brilhante delegação de escoteiros desse país irmão que tomou parte no A. I. P.».

Lobitos de São Paulo

Os Lobinhos de São Paulo na sua actividade de encerramento do ano do IV Centenário, enviaram uma saudação especial aos seus irmãos Lobinhos de Portugal, saudação que publicaremos no próximo número.

O homem de pouco vale se não acreditar em Deus e obedecer às Suas leis. Por isso todo o escoteiro deve ter uma religião.—B.-P.

O «SEMPRE PRONTO»
E A REVISTA «ALERTA!»
VENDEM-SE NA
TABACARIA BOA-HORA
Rua Nova do Almada, 46 — LISBOA

Folhetim do "SEMPRE PRONTO" N.º 12

UMA AVENTURA NA RÚSSIA

POR MARIA E. ROPES • Trad. de *J. S. CANUTO*

Emquanto os rapazes conversavam, ia o garrano avançando sempre, com a mesma firmeza de passo; sítios em que o terreno era desigual e a neve congelada havia formado sulcos eram por ele transpostos com toda a cautela, mas, logo que encontrava caminho plano, punha-se de novo a galopar briosamente.

De súbito, porém, estacou, voltou a cabeça para o lado do vento, e deu a entender claramente que não estava sossegado. Os rapazes sentiam que o corpo dele adquiria um certo entorpecimento, uma certa rigidez, e logo o medo lhe fez bater os corações.

Cheios de terror, puseram-se a olhar para todos os lados, perguntando a si mesmos se o Cicatriz-Vermelha não lhes aparecia dum momento para o outro, nos seus sapatos de andar sobre a neve. Nenhum inimigo, porém, da espécie humana se lhes apresentou. O que viram foi umas três sombras, que se destacavam na alvura dos campos, movendo-se como que furtivamente, a pouca distância, e parando depois. E imediatamente os juvenis cavaleiros compreenderam a razão por que a sua nobre montada se possuíra de medo.

— São lobos? — perguntou Eduardo, num tom assustado.

— São — replicou Alfredo; — mas em pequeno número; não há perigo por enquanto. Antes de se lhes reunirem outros e muito possível que cheguemos a qualquer lugar onde estejamos a salvo deles. Ainda não lhes ouvi o grito que eles costumam dar quando vão em perseguição da presa.

— Oh! Alfredo — suspirou o pobre Eduardo. — Nunca imaginei uma coisa destas. E' horrível!

— Vamos, Sharik — exclamou Alfredo, apertando os calcanhares de encontro aos nédios flancos do cavalo. — E' preciso correr a todo o galope, meu velho; e tu, Eduardo, segura-te bem.

Avistava-se a distância uma enorme floresta, cujos negros contornos o luar tornava perfeitamente distintos.

Alfredo apontou para ela, e disse:

— Podemos, talvez, abrigar-nos ali.

No próprio momento em que ele, porém, falava, um prolongado uivo, que era, por assim dizer, o toque a reunir, chegou até eles, trazido pelo vento. Era o sinal para a perseguição, e ao ouvir aquele som Sharik pôs-se a galopar como até ali não havia feito.

E' raro actualmente, mesmo na Rússia, ajuntar-se um grande número de lobos nas proximidades de qualquer povoação. A geada, porém, tinha começado cedo, o inverno tinha sido muito rigoroso, e as feras, acossadas pela fome, andavam rondando a habitação do homem; e aqueles pobres entes que ali iam em corrida vertiginosa pareciam-lhes uma presa facílima.

Iam com tanta rapidez que se lhes afigurava que uma força misteriosa os havia arremessado no espaço; nunca tinham visto o garrano galopar com semelhante ligeireza, e não imaginavam que o pudesse fazer. Sharik, porém, sabia que só na fuga é que estava a salvação da sua vida e a salvação da vida de seus jovens donos, e o terror é que o fazia galopar, por ali fora, com a velocidade do raio, como se tivesse asas nas patas.

Alfredo e Eduardo olhavam de quando em quando para trás, e cada vez viam mais comprida a fila dos seus perseguidores; e não obstante a celeridade espantosa com que eram levados, era evidente que a alcateia ia ganhando terreno.

Para maior desgraça, Sharik, após vinte minutos de galope desenfreado, começou a dar indícios de que não poderia sustentá-lo durante muito tempo mais.

— Ele vai perdendo as forças — disse Alfredo, — e ainda estamos a uma boa distância da floresta. Apeemo-nos para ele descansar um bocadinho.

— Mas então os lobos saltam em cima de nós e matam-nos — disse Eduardo.

— Deixa-me pensar — murmurou Alfredo. E, após alguns momentos de silêncio, voltou a cabeça e disse:

— Onde está a chaleira, Eduardo?

— Está aqui, suspensa do meu cinto.

— Vê se podes tirá-la com uma das mãos. Eu volto-me um pouco e ajudo-te.

Eduardo tinha, daí a instantes, desprendido a chaleira que era de metal reluzente e muito leve.

— Tira do meu bolso, se puderes, o novelo do fio — disse Alfredo.

Eduardo meteu a mão numa espaçosa algibeira que o irmão tinha nas costas do seu casaco de peles e tirou um pequeno novelo de barbante forte, que ele trazia sempre consigo.

(Continua)